

**LUCAS RUIZ BALCONI**

**Determinação, causalidade e formas sociais**

Tese de Doutorado

Orientador: Professor Dr. Alysson Leandro Barbate Mascaro

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE DIREITO**

**SÃO PAULO – SP**

**2021**

**LUCAS RUIZ BALCONI**

## **Determinação, causalidade e formas sociais**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Direito, na área de concentração de Filosofia e Teoria Geral do Direito, sob a orientação do Prof. Dr. Alysson Leandro Barbate Mascaro.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE DIREITO  
SÃO PAULO – SP**

**2021**

Autorizo a reprodução e divulgação parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Balconi, Lucas Ruiz.  
Determinação, causalidade e formas sociais / Lucas Ruiz  
Balconi.  
São Paulo: USP / Faculdade de Direito, 2021. 179 f.  
Orientador: Prof. Dr. Alysson Leandro Barbate Mascaro  
Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo,  
USP, Programa de Pós-Graduação em Direito – Filosofia e  
Teoria Geral do Direito, 2021.  
1. Dialética. 2. Estrutura (totalidade). 3. Teoria da Ciência.  
4. Sobre-determinação. 5. Formas sociais. 6. Forma jurídica.  
7. Marxismo. 8. Direito.

Nome: BALCONI, Lucas Ruiz.

Título: *Determinação, causalidade e formas sociais.*

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Direito, na área de concentração de Filosofia e Teoria Geral do Direito, sob a orientação do Prof. Dr. Alysson Leandro Barbate Mascaro.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

*Humildemente, ciente da minha minúscula contribuição, dedico esse trabalho à Meyer, H. Fischer, Gödel, Boltzmann, Turing, Berger, Ehrenfest, Poulantzas, M. Fischer e todos os outros que vieram antes e tiveram razão cedo demais.*

## AGRADECIMENTOS

*A pessoa que vos fala é, como todo o resto de nós, apenas um efeito estrutural particular desta conjuntura, um efeito que, como todos e cada um de nós, tem um nome próprio. A conjuntura que nos domina produziu um efeito (...)*  
(ALTHUSSER, 2003. p.17)

A confecção deste trabalho foi complexa, longa e mais penosa do que – como de costume – inicialmente se imaginava. Não apenas pelo óbvio, a repentina mudança de vida, rotina e profissão causada pela pandemia do Covid, exatamente no meio do curso de doutoramento, mas também pela complexidade dos temas abordados. O lado positivo foi a possibilidade de conhecer a fundo debates que são de suma importância para mim e apresentam possibilidades variadas de desenvolvimento.

Da mesma sorte, a tese foi construída sob difíceis degraus, temas complexos, amplos e (praticamente) atemporais, por isso, assuntos “laterais” e debates “conexos”, mas que seriam importantes, como o próprio conceito de cientificidade, o estudo da “causalidade pelos analíticos”<sup>1</sup> ou pelos “pós-neo-humeanos”<sup>2</sup>, por exemplo, faz com que o fantasma da incompletude e do fracasso beirem esta tese em seu desenvolvimento e acabamento.

Assim, cada passo dado a caminho de um patamar de “conquista” de desenvolvimento teórico permitia descobrir, tardiamente, várias outras novas questões problemáticas. Paradoxalmente, penso que são consequências positivas do ótimo estado de desenvolvimento teórico dos temas e do amplo acesso à informação.

Ademais, outro grande problema rondou essa (e com certeza as demais) pesquisa de doutoramento e que, mesmo pensando que não deveria, deixo aqui evidente: a (amargurada) guinada à ignorância anticientífica e emburrecedora que passamos nos últimos anos. Essa “política da estupidez” – da qual o neoliberalismo “bruto” é causa e, ao mesmo tempo, consequência – gerou rapidamente sérios problemas à educação e a pesquisa no país. Cortes de financiamento e investimento; a degradação da carreira docente, a perseguição aos cientistas e ao funcionalismo público, entre outros problemas,

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, CASTRO, 2014 e RUSSO, 2009.

<sup>2</sup> Sobre a causalidade em Hume e suas recepções atuais, ver o excelente trabalho de AGUIAR, 2008. Infelizmente um dos poucos trabalhos sobre o tema no Brasil. Sobre o tema da “direção do tempo” (flecha causal) ver também o trabalho de DONOGHUE e MENEZES, 2019.

criam um ambiente de incertezas e desilusão àqueles que se dedica(ra)m por tantos anos para se qualificar e perseguir uma carreira acadêmica.

Todavia, e com grande felicidade, para a superação dos desafios, recebi o apoio de pessoas maravilhosas, sem as quais não seria possível finalizar esta jornada. Recebi, também, e deixo registrado, apoio “institucional” da USP que, ponderando sobre tais questões, tornou possível um certo alargamento do período de finalização.

Esse trabalho só foi possível, neste sentido, graças ao apoio pessoal e profissional que recebi de diversas pessoas durante o trajeto de pesquisa. Esta pesquisa, aqui apresentada, não seria possível sem esse conforto e companheirismo que culminou num intercâmbio de conhecimento, trabalho e amizade. É preciso, portanto, ressaltar que diversas pessoas especiais tiveram direto envolvimento e grande importância. No mínimo, pelo apoio e suporte.

Deste modo, esta página é apenas uma forma de reconhecer minha admiração, meu respeito e meus sinceros agradecimentos para aqueles que tornaram possível esse processo de construção e crescimento, tanto pessoal quanto de pesquisa. Espero que o resultado faça jus.

Após essa (nem tão breve) introdução, gostaria de, inicialmente, meu querido mestre, orientador, amigo e conselheiro Prof. Dr. Alysson Leandro Barbate Mascaro, por toda a dedicação, apoio, generosidade, confiança, ensinamentos e, principalmente, por me mostrar, ao longo desse caminho, que é possível uma vida acadêmica de acolhimento, caráter e compromisso. Por fim, por acompanhar com paciência e dedicação o meu processo de crescimento acadêmico e pessoal.

Após, óbvio, agradeço aos meus familiares que permitiram uma boa estrutura e uma boa base de apoio que foi (e sempre é), sem dúvidas, fundamental. Tomo como um (bom) privilégio ter a certeza de que, caso tudo dê errado, tenho um reconfortante lugar para voltar. Mas não só isso, este trabalho é resultado, direta e indiretamente, de muito investimento financeiro, suor e dedicação. Por isso, aos meus pais, Linari e Emilson, e meus irmãos, Mateus e Ana Paula, agradeço imensa e eternamente. Ainda, agradeço a minha companheira, Mariana, que sempre esteve ao meu lado e, com muito acolhimento, suportou minhas ausências, meus “estresses”, meus desânimos e, principalmente, deu todo o apoio necessário no trabalho e no nosso lar, por isso, muito obrigado pelo amor, dedicação e confiança.

Agradeço, ainda, mas seria impossível aqui nomear todos, aos demais familiares e “anexos”.

Tenho, também, a honra e a alegria de, durante essa “doida” caminhada chamada vida, ter feitas diversas amizades que não só foram essenciais no apoio, mas relevantes nos momentos de descontração que suavizam o percurso tortuoso. Nesse passo, agradeço a todos que estão ou estiveram, nessa jornada ao meu lado. Ainda, não poderia deixar de agradecer aos membros do grupo de pesquisa, que acabaram se tornando amigos queridos e que, na infeliz certeza que esquecerei de vários nomes, represento pelos que, na mesma época, estavam em igual jornada: Barau, Camila, Patrick, Thais e Rômulo. Mas reitero, claro, que existem, no entanto, diversos outros amigos a quem devo agradecer, mas que seria demasiadamente extenso nomear a todos.

Existem diversas outras pessoas que podem (e deveriam) ser nomeadas aqui, pois foram cruciais para minha formação e que servem como modelo de profissional, mas que deixarei para fazer pessoalmente. De todo o modo, a todos e todas, citados ou não, meus mais sinceros agradecimentos!

BALCONI, Lucas Ruíz. *Determinação, causalidade e formas sociais*. 2021. 179 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

## RESUMO

Esta tese tem como objetivo central retomar, de modo crítico, o “programa” teórico que busca, através de uma filosofia imanente, compreender o movimento histórico sem cair no fatalismo determinista. Pensar, deste modo, a totalidade, suas partes e a emergência de novas relações. Com isso, a tese tem como principal desafio/problemática, compreender, ou pelo menos, buscar novos caminhos para se analisar a dinâmica que “movimenta” a história. Assim, num primeiro momento, procura-se detalhar, de modo crítico, as principais categorias que “sustentam” esse programa, a saber: a determinação, a causalidade e as formas sociais. Por isso, será necessário fazer uma abordagem temática, e não “autoral”, das categorias estabelecidas. Ainda, iremos demonstrar empiricamente, através do materialismo histórico, especialmente de Marx, Althusser, Balibar e Mascaró, como tais conceitos podem, e devem, ser usados como ferramenta teórica e analisados concretamente. Por fim, ressaltar o papel das formas sociais, sua dinâmica e sua conformação dentro desse processo histórico e social, com o intuito de estabelecer a teoria e a prática na compreensão do fenômeno estrutural do capitalismo. Nesse contexto, a obra do jurista soviético Evguíeni Pachukanis adquire protagonismo, pois demonstra como a forma jurídica assume papel estruturante na compreensão da sociabilidade presente.

**Palavras-chave:** Dialética. Estrutura (totalidade). Teoria da Ciência. Sobredeterminação. Formas sociais. Forma jurídica. Marxismo. Direito.

BALCONI, Lucas Ruiz. *Determination, causality and social forms*. 2021. 179 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

## ABSTRACT

This thesis has as its main objective to revisit, in a critical way, the theoretical “program” that it seeks, through an immanent philosophy without falling into deterministic fatalism. Thinking, in this way, of the totality, its parts and the emergence of new relationships. Thus, the main challenge/problem of the thesis is to understand, or at least to seek new paths, to analyze the dynamics that “moves” history. Thus, at first, an attempt is made to detail, in a critical way, the main categories that “support” this program, namely: determination, causality and social forms. Therefore, it will be necessary to take a thematic rather than an "authorial" approach to the established categories. We will also empirically demonstrate, through historical materialism, especially Marx, Althusser, Balibar and Mascaró, how such concepts can, and should, be used as a theoretical tool and analyzed concretely. Finally, to emphasize the role of social forms, their dynamics and their conformation within this historical and social dynamics, in order to establish theory and practice in understanding the structural phenomenon of capitalism. In this context, the work of the Soviet jurist Evguiéni Pachukanis acquires prominence, as it demonstrates how the legal form assumes a structuring role in understanding the present sociability.

**Keywords:** Dialectics. Structure (totality). Theory of Science. Overdetermination. Social forms. Legal form. Marxism. Right.

BALCONI, Lucas Ruiz. *Determination, causality and social forms*. 2021. 151 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

## RÉSUMÉ

Cette thèse a pour objectif principal de revisiter, de manière critique, le « programme » théorique qu'elle recherche, à travers une philosophie immanente sans tomber dans le fatalisme déterministe. Penser ainsi la totalité, ses parties et l'émergence de nouvelles relations. Ainsi, le principal défi/problème de la thèse est de comprendre, ou du moins de chercher de nouvelles voies, d'analyser les dynamiques qui « déplacent » l'histoire. Ainsi, dans un premier temps, on tente de détailler, de manière critique, les principales catégories qui « soutiennent » ce programme, à savoir : la détermination, la causalité et les formes sociales. Il faudra donc adopter une approche thématique plutôt que « autoritaire » des catégories établies. Nous démontrerons également empiriquement, à travers le matérialisme historique, notamment Marx, Althusser, Balibar et Mascaró, comment de tels concepts peuvent et doivent être utilisés comme outil théorique et analysés concrètement. Enfin, souligner le rôle des formes sociales, leur dynamique et leur conformation au sein de cette dynamique historique et sociale, afin d'asseoir la théorie et la pratique dans la compréhension du phénomène structurel du capitalisme. Dans ce contexte, l'œuvre du juriste soviétique Evguiéni Pachukanis acquiert de l'importance, car elle montre comment la forme juridique assume un rôle structurant dans la compréhension de la sociabilité actuelle.

**Mots-clés:** Dialectique. Structure (totalité). Théorie des sciences. Surdétermination. Formes sociales. Forme juridique. Marxisme. Droite.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>1. DIALÉTICA</b>	25
<b>2. LÓGICA DA DETERMINAÇÃO E DETERMINAÇÃO LÓGICA</b>	50
<b>3. DETERMINAÇÃO MATERIAL</b>	66
<b>4. SOBREDETERMINAÇÃO</b>	90
<b>5. CAUSALIDADE ESTRUTURAL</b>	106
<b>6. FORMAS SOCIAIS E CONFORMAÇÃO</b>	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	133
<b>REFERÊNCIAS</b>	145

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infinita regressão:

“Pulgas grandes pequenas pulgas têm

Sobre as costas para as morderem

E as pulgas pequenas mais pequenas pulgas têm,

E assim *ad infinitum*.

E as pulgas grandes, por sua vez,

Maiores pulgas têm para morderem,

Enquanto estas as têm ainda maiores,

E essas maiores ainda, e assim sucessivamente”.

(Augustos Morgan, 1993, p. 23)

A partir de todo o exposto nos capítulos anteriores, observamos que, embora existam estudos e pesquisas que apresentem teorias e críticas consistentes em quase todas as vertentes categoriais aqui estudadas, elas pouco são tratadas de forma sistemática. E, com isso, ainda que tenha muito se evoluído, não há, ao nosso ver, uma crítica materialista consistente que dê conta, de forma coesa, do debate contemporâneo sobre a história (e a sociedade) como uma estrutura dinâmica, sobredeterminada e, ainda assim, aberta ao contingente (emergencialista).

Por conta disso, via de regra, os diagnósticos (sejam eles práticos ou empíricos) carecem de questionar os pressupostos sob os quais se assentam as próprias categorias que se buscam criticar, corroborar ou aplicar. A categoria de determinação, em sua ampla gama de possibilidades, o problema causal que hoje é tão debatido, os modelos de estrutura e totalidade, a dialética como uma lógica que dê conta dessas estruturas dinâmicas, entre outros assuntos aqui abordados, acabam sendo usados de forma “parcial”, pois as próprias categorias são, muitas vezes, pouco abordadas em si, tornando pouco objetivo o trabalho de pesquisa.

Tais teorias, em geral, são extremamente importantes, visto que desenvolvem, sempre, algumas chaves importantes para a compreensão concreta da sociabilidade e, ainda, desconstruem bases discursivas vazias, especialmente quando se trata de trabalhos práticos, mas acabam em um limite epistemológico.

Desse modo, o presente estudo demonstra que, conquanto as teorias críticas do materialismo sejam de importância irrefutável no sentido de compreender as formas sociais típicas do capitalismo, bem como que o programa desenvolvido por Althusser é um passo relevante para a apreensão das categorias aqui usadas, especialmente de modo mais “prático”, ou seja, da estrutura de reprodução do capitalismo, especialmente no que tange ao núcleo central da sociabilidade, suas relações principais, a condição de reprodução, entre outros. Demonstrando, assim, que as contradições do capital são base de sua constituição e, por isso, ainda que de forma antagônica e paradoxal, também fazem parte, pois, do próprio “jogo” dinâmico de rearranjo, reestruturação e conformação da própria forma social. Por isso, a estrutura do capital consegue se manter “estável”, se reorganizando de modo dinâmico, para manter o processo de acumulação. Neste sentido, mesmo com as recentes e reiteradas crises no processo e no sistema de acumulação do modo de produção capitalista como, por exemplo, os eventos mais recentes no País e na América Latina, esse “bloco” unitário, essa estrutura, consegue se manter coesa.

Ora, especialmente de acordo com o que foi apresentado no capítulo da forma social e da a forma jurídica, o arcabouço normativo não apenas permite a reestruturação “interna” (local) de governos que dificultam, por exemplo, o processo “total” de acumulação, na tentativa de dar resoluções as crises estruturais, especialmente da crise de acumulação e não da crise “social”, como também reveste de normalidade esses atos de “exceção”. Se, por um longo período da história, as “resoluções” (colonialismo, imperialismo, exploração, etc.) se davam de forma “direta” e com apoio especialmente de uma “política internacional militarizada”, na atualidade o rearranjo se dá pelo próprio direito que, de forma muito eficiente, inclusive, tem o condão de reorganizar uma sociedade para que a burocracia interna se torne uma arma contra seu próprio povo, conforme se constata no caso brasileiro.<sup>250</sup>

Mesmo assim, dentro desse grande “jogo” de organização e reorganização do todo e das partes, há múltiplos processos que abrem espaço para acasos, contingência e emergência da estrutura. Mesmo com um “todo determinado” a história é aleatória.

---

<sup>250</sup> Tal fato, inclusive, não é novo. A ótima análise de Laborie (2001) sobre França de Vichy, quando invadida e dominada pela Alemanha, é um ensaio muito importante e interessante sobre o tema da “reconfiguração” local dos aparelhos “burocráticos” (Estado, Direito e política) na “dominação”. É claro que, hoje em dia, a dominação é muito mais sofisticada.

Todavia, ao nosso ver, elas ainda encontram um limite epistemológico. Isso porque, boa parte de suas categorias essenciais, pouco foram efetivamente e sistematicamente desenvolvidas em si. O que acaba tornando o programa Althusseriano pouco inteligível ou confuso. Como a ideia de que, em Althusser, ou haveria ou um determinismo fatalista ou um acaso (genérico e totalmente indeterminista). O mesmo ocorre em Spinoza e, como já aconteceu, em Marx. Isso ocorre tanto pela ausência da compreensão dos “programas” em si como, também, do corpo de “cientificidade” atual.

Assim, olhando de forma mais objetiva para os conceitos de determinação, causalidade e até de necessidade, vemos que, em nenhum momento, eles são contrários aos conceitos de acaso, contingência ou emergência. A questão é, justamente, “ajustar” a estrutura categorial e, após isso, aprofundar melhor tais programas de pesquisa. Especialmente no que tange ao próprio conceito de totalidade, autonomia relativa e, ainda, emergência. Conceitos que, pelo recorte inicial da tese e, ainda, pela necessidade de limitação temporal da pesquisa de doutoramento, acabamos não conseguindo abordar com muito afinco, mas iremos desenvolver melhor todas as questões aqui citadas.

Além disso, por óbvio, a tese desenvolvida aqui precisa ser “conjugada” com as abordagens sobre o “sujeito” e sobre a “ideologia”. Isso porque, tais questões são essenciais para desnudar a determinação do sujeito, da linguagem, do desejo, entre outros. Questões que, nesse trabalho, ficaram totalmente fora de contexto, mas que são complementares.<sup>251</sup>

Esta pesquisa pretende ser, portanto, um contributo para melhor compreensão das categorias em si, que tem o condão de começar a dar corpo para uma leitura específica sistematizada e, ao mesmo tempo, tornar viável um “paralelo” entre a filosofia e a ciência, entre a estrutura teórica e a prática, de um “programa” filosófico muito específico.

Digo isso pois sabe-se, atualmente, com o desenvolvimento de teorias plurais que o modo como fazemos a representação do modelo e da estrutura científica importa

---

<sup>251</sup> Preferimos aqui, como já informado, trabalhar com antes com as estruturas da “história” e com seus conceitos mais objetivos. Isso porque, numa leitura Althusseriana, as próprias práticas sociais, para além das suas instâncias discursivas constitutivas, é preciso fazer, corretamente, a referência histórica nas quais elas estão estruturadas e, por isso, são efeitos necessários.

muito<sup>252</sup>, tanto quanto o corpo categorial em si e a(s) teoria(s) usada(s), na análise sobre o objeto estudo. Posso dar como exemplo, as diversas formas em que a(s) teoria(s) (análise) do discusso<sup>253</sup> podem ser feitas de acordo com a perspectiva tomada. Ainda, mas pelo mesmo motivo, ao longo desse trabalho percebi que muitos conceitos são, efetivamente, usados de forma múltipla, podendo ser estudados e trabalhados na prática teórica, e como ferramenta, de diversos modos e recortes possíveis.

Assim, busquei ser o mais objetivo possível no meu desenvolvimento teórico, conceitual e metodológico. Objetivo (como conceito), aqui, se refere/define, ao menos<sup>254</sup>, por três questões: clareza-distinção-sistema<sup>255</sup>. Ou seja, a objetividade importa em: (i) transmitir com clareza, de forma lógica, as definições conceituais aqui propostas, neste sentido, tentarei ser o mais “transparente” possível, mostrando e “traduzindo” daquilo que se pretende tratar ou “o que quero dizer com”; (ii) trabalhar a (difícil) delimitação e disintição específica do conceito, buscando, do melhor modo possível, estabelecer sua essência própria, o “em-si” (mesmo) dos conceitos aqui estabelecidos ou, dependendo do caso, seu universal concreto, sua especificidade; e, (iii) também, sempre que possível, irei tentar demonstrar as relações articuladas (determinação recíproca) e a unidade conceitual (essência reflexiva) de modo que os conceitos possam ser pensados como um todo, dentro de um sistema lógico<sup>256</sup>. Mas antes de tratar de conceitos, que serão, ao seu tempo, detalhados, preciso tratar do “recorte epistemológico” dessa tese e das “tópicas” observacionais que nela são trabalhados.

---

<sup>252</sup> Como expõe PATY, 1995, p. 26-30.

<sup>253</sup> Ver por exemplo, como a Análise do Discurso pode sofrer alterações pelo enfoque dos elementos ou pelo “recorte espacial” ou pelas relações que pretende analisar. Cf.: DUNKER, PAULON e MILÁN-RAMOS, 2016, especialmente p. 61.

<sup>254</sup> Ao menos porque ao longo do trabalho o conceito de (ser/tornar) “objetivo” também se relacionará com o conceito de “cientificidade” (fraco) ou com questões empíricas (um fato histórico, por exemplo). Neste sentido, demonstrar a articulação do “ser da coisa” (modo do ser) como concreto efetivamente existente, independentemente da teoria ou dos procedimentos. Digo, aqui, “cientificidade” no sentido fraco, por deixar de analisar a ciência que não depende de fundamentos empíricos. Sobre isso, ver, por exemplo, o texto de TASCHETTO, 2018.

<sup>255</sup> O conceito de objetividade pode ser pensado, neste sentido, inclusive, em paralelo ao conceito de “verdade” definido (ou desenvolvido) na modernidade, no sentido de que, os principais empreendimentos filosóficos (Descartes, Spinoza, Kant e Hegel), buscaram, cada um a sua maneira, satisfazer “as exigências do trilema cético agrippiano”, para não caírem em circularidade, regressão ao infinito, ou postulação de suas próprias filosofias. Ver mais em FORSTER, 1989 e 2008. Todavia, não pode ser pensado como conceito de “verdade” no período contemporâneo, visto que esse é determinado (ou não) por “padrões” de objetividade científica (comparação de métodos científicos, reprodução laboratorial ou não, possibilidade de falseabilidade, etc.). Para quem quiser compreender melhor os parâmetros da “cientificidade”, em geral, ver o trabalho sobre cientificismo de OLIVEIRA, 2018.

<sup>256</sup> Aliás, essa é, de forma bastante “objetiva”, a finalidade do segundo capítulo dessa tese.

Isso porque, como acima dito, foi visto ao longo do trabalho que os “modos” teóricos acabavam não se complementando diretamente. Aqueles que estudam, efetivamente, o conceito de determinação e causalidade, por exemplo, o fazem de um modo “analítico-formal”. Os poucos que buscam desenvolver esses conceitos de modo dinâmico, o fazem mais na prática específica do que efetivamente teórica. Há inclusive, muita confusão entre os conceitos de “determinação” e “causalidade”. Isso se dá, normalmente, por conta do desenvolvimento “mecanista” dessas categorias.

Ademais, outro problema aparece, a ausência de tratamento específico para essas questões se dá, a meu ver, pela “falha” no uso da lógica dialética. Aqueles que trabalham com a lógica dialética em suas aplicações, acabam não trabalhando com a teoria dialética dentro de uma prática filosófica específica. Aqueles que trabalham com a prática filosófica, acabam deixando de aplicar as teorias “científicas” que são importantes para uma melhor compreensão daquilo que seria “dinâmico”, “estrutural”, entre outros. Conceitos que, analisados somente de forma vaga, seja pela filosofia ou pela teoria científica, acabam ficando epistemologicamente vazios. Por isso, as falhas parecer ir se multiplicando.

Neste sentido, o que se buscava nessa pesquisa era desenvolver, com a base metodológica do materialismo histórico e, tendo como fontes principais, os trabalhos de: Marx, Spinoza, Althusser, Balibar, Deleuze, Vittorio Morfino e Alysso Mascaro. Todavia, de modo geral, foram necessários diversos outros “percursos” que tornaram o esgotamento dessa bibliografia impossível. Especialmente no que tange ao próprio conceito de sobredeterminações e, principalmente, a categoria de causalidade estrutural. Isso porque, no estudo dessas teorias, achamos que, para dar efetiva concretude aos temas propostos, seria importante, antes de tudo, dar um “corpo científico” às categorias. Abrindo espaço, então, para investigações mais aprofundadas de modo mais sistematizada o orgânico. O próprio conceito de estrutura como totalidade, por exemplo, ainda é muito pouco abordado dentro de uma ótica dos sistemas dinâmicos. A ideia geral de causalidade estrutural, também. Ainda que existam teses sobre, como demonstramos, o próprio conceito de causalidade estrutural ainda é relativamente vago. E a relação (geral) dessa estrutura dinâmica com suas partes, que abre espaço para a emergência, é ainda precisa ser mais bem esclarecida.

Notadamente, Bachelard, Dominique Lecourt, John Murray, entre outros, fazem um trabalho excelente, mas para considerar a teoria como um todo, no “corpo” da epistemologia científica, mas pouco se faz, ou se fez, em relação aos desenvolvimentos conceituais específicos que são da ciência, mas que, frequentemente, são usados na filosofia. A “falha” aparentemente, se dá mais no caminho inverso. Como, por exemplo, os conceitos aqui presentes: causalidade, determinação, acaso, entre outros. Acreditamos, assim, e trabalhamos para isso que, organizar esse “corpo” teórico, em paralelo, dando mais detalhes epistemológicos sobre os conceitos principais, tornaria, ao menos, mais fácil a compreensão daquilo que trata Althusser, por exemplo. Por isso, apostamos, primeiro, mais nesse paralelo teórico do que, num primeiro momento, o desenvolvimento específico dos assuntos.

Isso porque, chega-se, invariavelmente, ao que, particularmente, chamo de “programa de Spinoza”. De um modo bem geral, é possível “reduzir” o programa filosófico de Spinoza, em três questões principais e que, ao nosso ver, continuam sendo os principais “paradigmas” tanto filosóficos, quanto científicos.

Explico, as filosofias de Spinoza, Hegel (e até de Marx, de uma forma já bem distinta), tem o condão de explicar a realidade objetiva e imanente. Até aqui, nada de novo. A diferença é que, para esses autores, o mecanicismo vulgar não dá conta da totalidade das relações e da especificidade dos conceitos, das coisas e dos fenômenos que são, eminentemente, dinâmicos. Seja dentro de uma “prática teórica geral”, seja dentro da realidade concreta, as coisas, os fenômenos e as categorias, estão em constante mudança. Esse dinamismo é o que vai “animar” a filosofia desses autores contra o fatalismo determinista. Em que pese, em Hegel, esse fatalismo não seja superado, tendo em vista a sua ideia central de autodeterminação do sujeito.

De toda a forma, vai ser a dialética hegeliana que abre espaço para uma “lógica dialética” que tem como objetivo principal, ir além do entendimento e dar conta da especificidade (do movimento) conceitual. É de se explicar, antecipadamente também, que isso não muda a ideia central de necessidade para Spinoza. A questão é que, no movimento dinâmico das coisas e na infinitude de possibilidades, essa necessidade sempre “abre

espaço” para o contingente<sup>257</sup>. Em Marx o estudo da dinâmica da sociabilidade vai abrir a tese da determinação “de base” (dominante) - as relações de produção -, tendo em vista, como iremos demonstrar, sua dominância como “camada” autônoma, as “múltiplas determinações” (sobredeterminações), geradas pelas diversas contradições e, ainda, à causalidade estrutural, uma totalidade-já-dada que assume a posição de coerção “macro” e relativa autonomia frente as suas partes. Nessas breves considerações, fica óbvio que se trata dos mesmos problemas do “program de Spinoza”, a saber:

- (i) A relação do todo e das partes, bem como sua coerência;
- (ii) O problema da autonomia relativa dos níveis da estrutura, sua distinção, seu dinamismo e contradições<sup>258</sup>;
- (iii) O “jogo” de movimento, determinações e causalidade que irão compor esse “todo articulado”.
- (iv) Sem contar no problema da “gênese” e da lógica dialética.

Explico. Invariavelmente, seguindo um modelo de explicação da realidade de forma imanente, se chega a três problemas centrais. Num primeiro momento, ao tentar explicarmos alguma coisa ou fenômeno, via de regra, recorreremos a uma explicação “decrecente”, decompondo e reduzindo certa “coisa” ou fenômeno a sua “estrutura básica”, essa estrutura básica, então, ao menos num primeiro momento, ou é vista como algo “transcendente” ou é analisada por uma ótima mecanista vulgar que, de forma bem resumida, vai compreender esses elementos como “básicos” e que, por isso, compõe todas as coisas de modo fixo e imutável. A ideia central do mecanicismo vulgar é de que, se

---

<sup>257</sup> Neste sentido, dirá Santiago (2011, p. 45) que “algo difícil, sim, mas possível: ‘destruir toda essa estrutura e exgocitar uma nova’”. Assim, “o possível não se ergue contra a determinação das coisas”, e explica: “O campo que então surge, é o da possibilidade, o qual é delimitado pelas ações, respostas possíveis para a solução do problema mesmo que o provocou. Ações possíveis, mas não igualmente factíveis. Como alertado, as há mais fáceis, as há mais difíceis, já que o campo do possível não está imune à conjuntura, quer dizer, nem tudo é possível em qualquer ocasião; cada ocasião determina um conjunto de possíveis, que são reais porque factíveis naquelas circunstâncias, mas nem todos, conforme as mesmas circunstâncias, conhecem no que se refere a sua efetuação o mesmo grau de dificuldade. É essa estruturação que dá a peculiaridade do possível como exigência de fazer-se algo concomitantemente à percepção de que se pode fazer algo” (Idem, p. 48). Sobre o tema ver também: SANTIAGO, 2019 e ZOURABICHVILI, 2000.

<sup>258</sup> De modo geral, com vistas a enfrentar dicotomia entre negação (paradigma da determinação ou da identidade) e afirmação (paradigma da expressão ou da diferença) na interpretação de Spinoza e, especificamente, Gainza propõe uma terceira via, amparada sobre um terceiro conceito: a distinção. A “distinção”, expõe ela, é a “modalidade privilegiada da construção espinosana da noção de substância absolutamente infinita”, a distinção teria permitido à autora, então, “indagar pela forma em que a determinação e a expressão, em sua articulação necessária, podiam servir para conceber, espinosanamente, o ser do singular em sua complexidade”. (Gainza, 2009, p. 06-07).

conhecemos todas as estruturas básicas e as leis gerais, tudo pode ser “compreendido” e pré-determinado.

De um outro lado, é preciso explicar então, que se todas as coisas são “componentes” de outras, o “desenvolvimento ascendente” da “coisa” ou do fenômeno é também necessário para demonstrar seu “ponto final”, suas relações “exteriores”. Chegando à totalidade “macro”, também, de alguma forma, imutável. Ainda, analisando a composição das coisas, é possível ver que elas, todas, de algum modo, estão em “movimento”. Ou seja, essa é a característica geral do mundo, que pode ser expressa, porque resume um imenso domínio de experiências de diversos tipos teorias, da seguinte forma: todas as coisas provêm de outras coisas que dão origem a outras coisas.

É neste sentido que, em Spinoza, vai aparecer o “problema” da relação do todo e das partes, bem como o problema da distinção e da clareza dos “níveis”/objetos relativamente autônomos. Em Spinoza, podemos delimitar essa questão, de um modo bem explícito, quando ele faz referência ao “vermezinho do sangue” em sua carta para Oldenburg, para explicar justamente “a coerência entre as partes e o todo” e como se pode “distinguir as coisas” já que todas, de alguma forma, fazem parte de uma totalidade (cada vez “maior” e mais complexa), a saber:

Finjamos agora, se te apraz, tu sangue vive um vermezinho quem seria capaz de discernir com a vista as partículas de sangue, te linfa, etc., e de observar pela razão como cada partícula, a partir do choque com a outra, ou resile, ou comunica parte de seu movimento. ele viveria neste sangue como nós nesta parte do universo e consideraria cada partícula de sangue como um todo, e não como uma parte, e não poderia saber como todas as partes são moderadas pela natureza universal do sangue e são forçadas a acomodar-se umas às outras, tal como a natureza universal do sangue exige, de modo que consintam entre si de maneira certa. Pois se fingimos não se dar nenhuma causa fora do sangue que ele comunique novos movimentos, nem se dar espaço algum fora do sangue, nem outros corpos aos quais as partículas de sangue possam transferir seu movimento, é certo que o sangue sempre permanecerá em seu estado, e que suas partículas não sofrerem nenhuma outra variação podem se conceber a partir da proporção de movimento de sangue da linfa, ao quilo, etc., e, assim, o sangue deveria ser considerado sempre como um todo, e não como uma parte. mas porque se dão muitíssimas outras causas que, de modo certo, moderam as leis da natureza do sangue, e, inversamente, são

elas moderadas pelo sangue, daí ocorre de se originarem no sangue outros movimentos e outras variações, não se seguem dá só a proporção de movimento de suas partes uma à outra, mas da proporção de movimento em simultâneo do sangue e das causas externas um ao outro; deste modo, o sangue tem proporção de uma parte, e não de um todo (SPINOZA, 2021, p. 61).

Isso leva a duas questões específicas de Spinoza e Hegel. Para “fugir” do determinismo vulgar, primeiro Spinoza, e depois Hegel a sua maneira, desenvolveram a ideia de algo que se **põe** na realidade, mas é infinito. Aparece, de forma finita, como efeito, como determinação, mas para ambos, também em minha perspectiva, de modo bem resumido, esse “infinito” pode ser melhor definido como “relações”. A natureza tem infinitas possibilidades de relações e, ao passo que essas relações mudam, as coisas vão mudando. Ao passo que muda, se movimentam. E quando se movimentam podem causar novas mudanças. Assim, de modo bem resumido, se dá a possibilidade de mudança da quantidade para a qualidade, mas não termina o problema. Pelo contrário, resolve algo, mas coloca novas questões problemáticas.<sup>259</sup>

Ainda, e por fim, tentando “solucionar” os problemas acima, caímos na principal questão técnica de qualquer teoria, a relação entre “**objeto de conhecimento e objeto real**”. Considerando que é através da linguagem, da lógica e de métodos, que a ciência tem a finalidade última de estabelecer o conhecimento real, prático e material (da natureza, social ou humano no geral). Torna-se um tanto quanto desafiador determinar os objetos e suas categorias. Especialmente, quando se trata de questões dinâmicas, que estão e não estão, são e não são, ao mesmo tempo. O estudo aprofundado desse debate mostra um “sem fim” de problemas específicos e programas que precisariam ser analisados para que seja possível e viável, minimamente, dar conta de todas as suas discussões e possibilidades. De toda a forma, aceitamos, aqui, a ideia de que a Dialética, por si, consegue dar uma resposta mais acurada para esse problema. Para os demais, fazendo um paralelo com as “novas” teorias da ciência, fica mais fácil visualizar a “infinitude” de qualidades, o movimento das coisas, entre outros, mas ainda precisamos aprofundar melhor algumas categorias e destaco duas que, aqui nesta tese, pouco foram abordadas: a totalidade e a autonomia relativa entre as partes.

---

<sup>259</sup> Sobre o tema, em específico, ver o texto de HUMPHREYS, 1998.

Desse modo, acabei não conseguindo, efetivamente, dar “conta” de todo o trabalho teórico que seria necessário. Isso porque, antes, como informado, foi preciso começar a sistematizar as próprias categorias dentro de um “corpo” teórico também específico.

Por isso, primeiro, e mais importante, era fazer um “ajuste” entre a lógica dialética e suas aplicações práticas. Até porque, é a lógica dialética que consegue dar “conta” de uma categorização mais acurada, tratando os conceitos em seu “movimento” lógico. Vimos que a falha em se entender o que, efetivamente, seria essa lógica, causa diversas conclusões e críticas que erram seu alvo, como a de Mario Bunge, por exemplo. Para ser mais direto, a dialética, pode ser “dívida”, de forma didática, em três blocos de “questões” diferentes, a saber:

- (i) A dialética, como muito bem evidenciado por Hegel e Marx, se presta para analisar “coisas concretas”. Melhor dizendo, para sair da abstração do entendimento à concretização da razão. O primeiro “pressuposto” dialético seria, então, a relação “abstrato x concreto”. Isso deixa evidente que, a dialética não se aplica a tudo;
- (ii) Desse pressuposto geral, derivam várias questões específicas que precisam ser desenvolvidas, como:
  - a. A relação universal, particular e singular;
  - b. Generalidades e especificidades;
  - c. Forma e conteúdo;
  - d. Aparência e essência.
- (iii) Dessas questões, surge outro pressuposto geral, o problema do “limite”, da delimitação do conceito (abstrato ou concreto). A delimitação é um dos aspectos mais importantes para a dialética, visto que, em termos práticos, é onde as contradições, da lógica principalmente, vão começar a surgir.
- (iv) Disso, derivam outras questões específicas que precisam ser analisadas:
  - a. O problema da gênese;
  - b. A relação “espaço-temporal” (o dinamismo, o movimento da coisa em si) simples;
  - c. A determinação recíproca e a essência reflexiva (unidade);

- d. A relação de causa-efeito;
  - e. A sobredeterminação;
  - f. A mudança (ou não) de qualidade.
- (v) Por fim, isso gera o terceiro “pressuposto” lógico dialético, mas que, via de regra, é o primeiro problema prático encontrado, que é a questão do “todo e das partes”. E isso, gera nossos problemas específicos que precisam ser tratados:
- a. A estrutura, as determinações condicionais e a causalidade estrutural;
  - b. A autonomia relativa das partes e do todo;
  - c. A relação “espaço-temporal” complexa (o dinamismo e o movimento das partes e do todo).

É por isso que Marx pôde afirmar que sua “ambição” seria de mostrar:

- 1) as determinações universais abstratas, que, por essa razão, correspondem mais ou menos a todas as formas de sociedade [...]. 2) As categorias que constituem a articulação interna da sociedade burguesa e sobre as quais se baseiam as classes fundamentais. Capital, trabalho assalariado, propriedade fundiária. As suas relações recíprocas. Cidade e campo. As três grandes classes sociais. A troca entre elas. Circulação. Sistema de crédito (privado). 3) Síntese da sociedade burguesa na forma do Estado. Considerada em relação a si mesma. As classes “improdutivas”. Impostos. Dívida pública. Crédito público. A população. As colônias. Emigração. 4) Relação internacional da produção. Divisão internacional do trabalho. Troca internacional. Exportação e importação. Curso do câmbio. 5) O mercado mundial e as crises.<sup>260</sup>

Em resumo, temos: (i) o desenvolvimento das determinações lógicas que vão do “universal abstrato” ao universal concreto (categorias específicas); (ii) as categorias concretas que compreendem a relação central (ou seja, dominante, a determinação de “base”, o núcleo) da sociedade burguesa (ao menos aqui, se tratava especificamente da sociedade burguesa e não dos modos de produção, o que será, posteriormente, alterado);

---

<sup>260</sup> MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 65-66. Versão eletrônica (e-book).

(iii) Os níveis de autonomia relativa do “sistema mundo”; (iv) o “todo-estruturado” do mercado mundial e as relações com as estruturas de base.

Por isso, como visto, a dividida nessa linha. No Capítulo 01 (A Dialética), busquei evidenciar justamente como e porque, a dialética deve ser compreendida e aplicada para análise de sistemas que se “movem” em um determinado espaço-tempo. Ou seja, como forma (lógica) de apreender a coisa ou a categoria em seu movimento dinâmico e deve ser usada para analisar sistemas emergentes.

No Capítulo 02 (Determinismo lógico), dentro das possibilidades, tentamos resumir o primeiro pressuposto geral dialética, e mais importante, o movimento de “concretização” conceitual e a apreensão dessa dinâmica. Especialmente porque, neste caso, as determinações são essenciais para se apreender as categorias usadas. Ainda, no capítulo seguinte, chamado de Determinismo material, mesmo de forma muito resumida, pela enorme quantidade de temas relativos, buscamos sistematizar a ideia de determinação em seu(s) sentido(s) mais concreto(s) e como, na prática, tais questões são usadas pelo materialismo histórico de Marx.

No capítulo 04 e 05, sobre a “Sobredeterminação” e sobre a “Causalidade estrutural”, foi necessário fazer um paralelo mais dinâmico para tentar sistematizar as principais problemáticas e, ainda, desenvolver a tese de que não há, dentro de uma análise dinâmica, apenas uma determinação ou, pior, uma causa (monocausalidade). Quando se trata analisar estruturas dinâmicas, o “jogo” das contradições, causalidades, da sobredeterminação e da causalidade estrutural, é extremamente complexo. Assim, buscamos detalhar, o máximo possível, o que deve se entender por sobredeterminação e causalidade estrutural.

Todavia, como já deixei evidente, crio que ainda existem falhas que precisam ser sanadas, não apenas teóricas, mas também práticas. Isso porque, para se compreender, com efetividade, toda a potência do conceito de causalidade estrutural, seria necessário, também, que fossem desenvolvidos, de um modo mais organizado, o conceito de totalidade e, ainda, o conceito de autonomia relativa (níveis ou tópicos). De forma objetiva, poucos autores enfrentaram esses problemas de modo específico e, aqueles que fizeram, ou

deixaram de tratar o tema com as questões filosóficas que o envolviam ou deixaram de tratar (ou de vincular) essa(s) teoria(s) com o corpo científico. O próprio conceito de causalidade estrutural, é pouco desenvolvido na ciência como um todo<sup>261</sup>.

Por fim, no último capítulo, das formas sociais, específico a relação entre as formas e suas conformações, inserindo, especialmente, o trabalho de pesquisa do professor Alysson Mascaro no campo da Filosofia e Teoria Geral do Direito. Como tal, visa fornecer, a partir das chaves de compreensão do marxismo em sua mais alta contribuição, e se torna um potente instrumento de reflexão para transformar, e não apenas tentar melhorar, a barbárie social do capitalismo. Assim, enquanto a teoria crítica estiver desligada dos instrumentos de compreensão da ciência marxista, ou quando a teoria marxista estiver dissociada com a epistemologia, tanto mais contribuirá, mesmo que não queira, para a manutenção das iniquidades latentes e profundas dos modos de produção capitalista.

---

<sup>261</sup> Ver sobre isso em ILLARI e RUSSO, 2014, capítulo 12. Em termos “científicos”, o que chamamos aqui de causalidade estrutural pode ser encontrado, também, como mecanismo (“*Mechanisms*”) em alguns autores. Na ciência social, ver o trabalho de DEMEULENAERE, 2012. Algo que explicita bem o que tentei dizer aqui nessa apresentação, é que, de todos os trabalhos que analisamos, de teoria da ciência que trata especificamente de causalidade, encontramos apenas UMA citação de Althusser e o autor não desenvolve o conceito. Ver trabalho de SAWYER, 2011, pp. 78-98.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Túlio. *Causalidade e Direção do tempo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- ALMEIDA FILHO, Niemeyer; PAULANI, Leda Maria. Regulação social e acumulação por espoliação – reflexão sobre a essencialidade das teses de financeirização e da natureza do Estado na caracterização do capitalismo contemporâneo. *Economia e sociedade*, Campinas, v. 20, n. 2 (42), p. 243-272, ago. 2011.
- ALTHUSSER, Louis. *Análise crítica da teoria marxista*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1967.
- ALTHUSSER, Louis. *Écrits sur l'histoire*. Paris: PUF, 2018.
- ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. Campinas: Unicamp, 2018.
- ALTHUSSER, Louis. *The humanist controversy and Other writings (1966-67)*. Londres: Verso, 2003.
- ANDERSON, Kevin. *Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedade não ocidentais*. São Paulo: Boitempo, 2019. Versão eletrônica.
- ARCHER, Margaret Scotford (ed.). *Critical Realism: Essential Readings*. London: Routledge. 1998.
- AVINERI, S. (org.). *Karl Marx on colonialism and modernization: his dispatches and other writings on China, India, Mexico, the Middle East and North Africa*. New York: Anchor Books. 1969.
- BAIONI, J. *Substancialidade e subjetividade: Hegel intérprete de Espinosa*. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Tese (Doutorado), 2004.
- BALCONI, Lucas Ruíz. “Althusser e o materialismo aleatório: Comentário sobre o livro recém-lançado de Alysson Leandro Mascaro & Vittorio Morfino”. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/althusser-e-o-materialismo-aleatorio/>.
- BALCONI, Lucas Ruíz. *Direito e Política em Deleuze*. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.
- BALIBAR, E. *Spinoza et la politique*. Paris, PUF, 1985.
- BALIBAR, E. “Spinoza: from individuality to transindividuality” (A lecture delivered in Rijnsburg on May 15, 1993).
- BARROS, José D’Assunção. Materialismo Histórico e determinismo: revisitando uma polêmica. In. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*. v.1, n.1, jan./jun. 2011. pp. 96-123.
- BEISER, Frederick (org.). *Hegel*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014
- BHASKAR, Roy; CALLINICOS, Alex. Marxism and Critical Realism. In. *Journal of Critical Realism*, v. 1:2, pp. 89-114

- BHASKAR, Roy; Callinicos, Alex. Marxism and critical realism: a debate. In: Journal of Critical Realism, vol. 1 (2), maio de 2003, p. 89-114;
- CALDAS, Camilo Onoda. *A teoria da derivação do Estado e do direito*. São Paulo: Outras Expressões, 2015.
- CALDAS, Camilo Onoda. “Conflituosidade social e Filosofia do Direito no Brasil: a teoria de Miguel Reale, Tercio Sampaio Ferraz Jr. e Alysson Leandro Mascaro sobre Estado e Direito”. In BANNWART JUNIOR, Clodomiro; FUGA, Bruno (org.). *Filosofia do Direito*. Londrina: Thoth, 2019.
- CALDAS, Camilo Onoda. *Perspectivas para o direito e a cidadania*. São Paulo: Alfa Ômega, 2006.
- CAMARGO, A. S. Capitalismo e sua geografia: uma entrevista com David Harvey. *Geosp – Espaço e Tempo*, v. 22, n. 2, p. 470-471, 2018.
- CASTRO, Eduardo. Causalidade. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014. Disponível em <http://compendioemlinha.letras.ulisboa.pt/causalidade-eduardo-castro/>. Acesso em 11/05/2018.
- CHAGAS, José. *Investigando o processo de transposição didática externa: o conceito de transformação química em livros didáticos*. Pernambuco, 2009. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, 2009. Disponível em <[https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3939/1/arquivo3420\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3939/1/arquivo3420_1.pdf)>. Acesso em 27/11/2021.
- CHAUI, M. *A nervura do real. Imanência e liberdade em Espinosa*. Vol. I: Imanência. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CHAUI, M. *Política em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CHIBENI, Silvio Seno. Aspectos da descrição física da realidade. Campinas: Unicamp, 1997.
- COHEN, Gerald. Karl Marx’s Theory of History: a Defense. Oxford: Oxford University Press, 1978
- COUTINHO, Maria Francisca de Miranda. *Lógicas de (des)ordem*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Jurídicas) – Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DE LANDA, Manuel. *Philosophy and simulation: the emergence of synthetic reason*. Londres: Continuum, 2011.
- DEL LUCCHESI, F. e MORFINO, V. (org.) *Sulla scienza intuitiva in Spinoza*. Ontologia, politica, estetica, Milano, Edizioni Ghibli, 2003.

DEMEULENAERE, Pierre (Ed.). *Analytical Sociology and Social Mechanisms*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

DELBOS, V. *O espinosismo*. São Paulo, Discurso Editorial, 2002.

DELEUZA, Gilles. *Spinoza: Filosofia Prática*. Barcelona: Tusquets, 2001.

DEMEULENAERE, Pierre (Ed.). *Analytical Sociology and Social Mechanisms*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

DONOGHUE, John; MENEZES, Gabriel. *The arrow of causality and quantum gravity*. Phys. Rev. Lett. v. 123, 2019, s/p. Disponível em <https://journals.aps.org/prl/abstract/10.1103/PhysRevLett.123.171601>. Acesso 29/11/2020.

DUNKER, Christian; PAULON, Clarice; MILÁN-RAMOS, José. *Análise Psicanalítica de Discursos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

ENGELS, Friedrich. *Dialética da natureza*. São Paulo: Boitempo, 2020. Versão Eletrônica.

ESPINOSA, Bento. *Correspondência entre Espinosa e Oldenburg*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FORSTER, Michael. *Hegel and Skepticism*. Harvard University Press: Cambridge, 1989.

FORSTER, Michael. *Kant and Skepticism*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2008.

FREIRE JR, O.; PESSOA JR, O.; BROMBERG, JL. (Orgs). *Teoria Quântica: estudos históricos e implicações culturais*. Campina Grande: EDUEPB; São Paulo: Livraria da Física, 2011. Versão eletrônica.

Fuchs, Christian; Arshinov, Vladimir. *Causality, Emergence, Self-Organisation*. Moscou: NIA-Priroda, 2003. Disponível em: <https://fuchsc.uti.at/books/causality-emergence-self-organisation>. Acesso 30/09/2019.

GAINZA, Mariana. *A ontologia espinosana na tensão entre eternidade e história*. Projeto de Pós-doutorado. São Paulo. Disponível em: [https://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/mariana\\_cecilia\\_de\\_gainza\\_pr\\_ojeto\\_posdoc\\_2010.pdf](https://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/mariana_cecilia_de_gainza_pr_ojeto_posdoc_2010.pdf). Acesso em 05/06/2019.

GAINZA, Mariana. *Uma filosofia do materialismo infinito positivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2011.

Gunn, Richard. *Marxism and philosophy: a critique of critical realism*. In: *Capital & Class*, 1989, vol. 37, p. 86-116.

HARVEY, David. *A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI*. Tradução de Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2018.

\_\_\_\_\_. *O enigma do capital e as crises do capitalismo*. Tradução de João Alexandre Pechanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os limites do capital*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. *Para entender O capital: livro I*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. *Para entender O capital: livros II e III*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2014.

HIRSCH, Joachim. Globalização e mudança social: o conceito da teoria materialista do Estado e a Teoria da Regulação. Tradução de Moema Kray e revisão técnica de Dilma Vana Rousseff. *Ensaios FEE*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 9-31, 1988. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/1909/2284>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Teoria materialista do Estado*. Processos de transformação do sistema capitalista de Estados. Tradução de Luciano Cavini Martorano. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

HOBSBAWM, E. “Introdução”. In: MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

HUMPHREYS, Paul. “How Properties Emerge”. In: *Philosophy of Science*, Vol. 64, No. 1, Mar., 1997, pp. 1-17.

Illari, P.; Russo, F.: *Causality: philosophical theory meets scientific practice*. Oxford: University Press, 2014.

JAY, Martin. *Marxism & Totality: The adventures of a concept from Lukács to Habermas*. Berkeley: University of California Press, 1984.

LABORIE, Pierre. *L'opinion française sous Vichy: Les Français et la crise d'identité nationale 1936-1944*. Paris: Seuil, 2001.

LECOURT, Dominique. Comment “défendre Le matérialisme historique”. *Revue Philosophique*, n.2, 1983, p.245-55.

LÊNIN, V. *Cadernos sobre a dialética de Hegel*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LÊNIN, V. *O Estado e a revolução*. Obras escolhidas. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1980. v. 2.

LOCK, Grahame. Louis Althusser e G. A. Cohen: uma confrontação. Disponível em: <[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/dossie57Louis%20Althusser%20e%20G.%20A.%20Cohen.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie57Louis%20Althusser%20e%20G.%20A.%20Cohen.pdf)>. Acesso: 01/05/2019.

LOMBARDE, W. A Alquimia nos livros didáticos de química do 1º ano do ensino médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático: uma análise à luz da historiografia tradicional. 2020. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e a Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

LUFT, Eduardo. “Lógica e movimento: sobre o problema do tempo na lógica de Hegel”. In: BAVARESCO, Agemir; Et al. (Orgs.). *Leituras da Lógica de Hegel*. Porto Alegre: Editora Fi, vol. 02, 2018. pp. 87-102.

LUFT, Eduardo. *Sobre a Coerência do Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MAGALHÃES, Juliana Paula. *Marxismo, humanismo e direito: Althusser e Garaudy*. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.

MASCARO, Alysson Leandro. *Crise e golpe*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MASCARO, Alysson Leandro. “Formas e estruturas do internacional: capitalismo, direito internacional e relações internacionais”. In: SILVA, Maria Beatriz Oliveira da; DAVID, Thomaz Delgado de (Orgs.). *Marxismo, direito e relações internacionais*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

MASCARO, Alysson Leandro. “Formas sociais, derivação e conformação”. Porto Alegre: REVISTA DEBATES (UFRGS), v. 13, 2019.

MASCARO, Alysson Leandro. *Crise e Golpe*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MASCARO, Alysson Leandro. *Crítica da legalidade e do direito brasileiro*. São Paulo: Quartier Latin, 2019.

MASCARO, Alysson Leandro. *Estado e forma política*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASCARO, Alysson Leandro. Formas sociais, derivação e conformação. In. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 13, n. 01, 2019. pp. 05-16.

MASCARO, Alysson; MORFINO, Vittorio. *Althusser e o materialismo aleatório*. São Paulo: Contracorrente, 2020.

MARTINS, Cristiano; MARTINS, Valeska; VALIM, Rafael. *Lawfare: uma introdução*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

MARX, Karl. *A guerra civil na França*. Obras Escolhidas. São Paulo: Alfa Ômega, 1980. v. 2.

\_\_\_\_\_. *Contribuição para a crítica da economia política*. Lisboa: Estampa, 1971.

\_\_\_\_\_. *Crítica do programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011a.

\_\_\_\_\_. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *O capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1983. v. 1.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política*. Livro I – o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo, Boitempo, 2017.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política*. Livro III – o processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.

\_\_\_\_\_. *O leitor de Marx*. Organização de José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MAURO, R. S. A estrutura da matéria em livros didáticos do início do século XX no Brasil. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História das Ciências e da Matemática) – Universidade Federal do ABC, Santo André, 2018.

MORTIMER, Eduardo; MACHADO, Andréa; ROMANELLI, Lilavate. A proposta curricular de química do estado de minas gerais: fundamentos e pressupostos. In Revista Química Nova, nº 23, 2000, pp. 273-283.

MÉSZAROS, István. *A crise estrutural do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

NAVES, Márcio Bilharinho. *Marxismo e direito: um estudo sobre Pachukanis*. São Paulo: Boitempo, 2008.

NEGRI, Antonio. Prefácio: Pachukanis, 44 anos depois. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. São Paulo: Boitempo, 2017.

Netto, José Paulo. *Introdução ao Estudo do Método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 1947.

OLIVEIRA, Bruno. O Problema do Cientificismo. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

PACHUKANIS, Evguiéni B. *Teoria geral do direito e marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2017.

PARRON, Tâmis. A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

PRADO, Eleutério F. S. *Economia, Complexidade e Dialética*. São Paulo: Plêiade, 2009.

QUARTIM DE MORAES, João. “A ‘forma asiática’ e o comunismo agrário primitivo”. Crítica marxista, São Paulo, Unicamp, v. II, pp. 107-28.

REICHEL, Helmut. *Sobre a estrutura lógica do conceito de capital em Karl Marx*. Campinas: Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Bernardo Bianchini Barata. O fio vermelho da transformação: Marx e Spinoza. Tese de doutoramento em Ciência Política. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 230, 2015.

RIVERA-LUGO, Carlos. *Crítica à economia política do direito*. Tradução de Daniel Fabre. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

ROCHA, Maurício. “Spinoza e o Infinito: a posição do problema”. In: Revista Conatus, v. 03, n. 5, 2009, pp. 71-80.

ROSDOLSKY, Roman. A polêmica em torno dos esquemas da reprodução em Marx. In: Revista Novos Rumos. São Paulo, nº 35, 2003.

ROSSER JR., Barkley. “Aspects of Dialectics and Non-linear Dynamics”. In: Cambridge Journal of Economics. nº 24, 2000, pp. 311-324.

RUSSO, Frederica. *Causality and Causal Modelling in the Social Sciences*. Dordrecht: Springer Science, 2009.

WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy (orgs.). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.